

## A PAUTA EXPORTADORA BRASILEIRA E A DEPENDÊNCIA DE COMMODITIES A PARTIR DE 2005

Carlos Alberto Kubiack<sup>1</sup>

Dérik Link<sup>2</sup>

Gustavo Ramon Marques<sup>3</sup>

Murilo André Almeida<sup>4</sup>

Rhuan Carlos de Andrade Matozo<sup>5</sup>

Carlos Ilton Cleto<sup>6</sup>

### RESUMO

O aumento de produtos primários pelo lado exportador na balança comercial pode acarretar problemas no desenvolvimento do país, pois, ao se tornar dependente desses produtos, paralelamente concomita-se a vulnerabilidade às variações dos preços internacionais, vide a alta competitividade no mercado internacional de commodities. Outrossim, devido à escassez na diversificação da pauta, e por ser apenas um tomador de preço no comércio internacional, a nação torna-se frágil, podendo sofrer com choques externos e variações de preços repentinos que afetarão sua economia. Para verificar se houve aumento no crescimento das exportações de commodities na balança comercial brasileira, entre 2005 e 2022, procedeu-se à pesquisa bibliográfico-exploratória das teorias que auxiliam na compreensão das relações internacionais, de sua história e das características do setor exportador brasileiro. Por meio da análise dos dados levantados, foi observado que, no período, a participação dos setores agropecuário e extrativo, em

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Ciências Econômicas 8º período da FAE Centro Universitário. *E-mail:* carlos.kubiack@mail.fae.edu

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Ciências Econômicas 8º período da FAE Centro Universitário. *E-mail:* derik.link@mail.fae.edu

<sup>3</sup> Aluno do Curso de Ciências Econômicas 8º período da FAE Centro Universitário. *E-mail:* gustavo.marques@mail.fae.edu

<sup>4</sup> Aluno do Curso de Ciências Econômicas 8º período da FAE Centro Universitário. *E-mail:* murilo.almeida@mail.fae.edu

<sup>5</sup> Aluno do Curso de Ciências Econômicas 8º período da FAE Centro Universitário. *E-mail:* rhuan.matozo@mail.fae.edu

<sup>6</sup> Orientador da Pesquisa. Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor dos cursos de Ciências Econômicas e Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* carlos.cleto@fae.edu

conjunto, aumentou em 26,5% sua contribuição nas exportações brasileiras, enquanto a indústria de transformação apresentou queda de 25%. Do mesmo modo, foi identificado que soja, minério de ferro e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) constituem as três principais commodities exportadas pelo país, representando, em 2022, pouco mais de 35% do total exportado. Por outro lado, os principais produtos da indústria de transformação, a saber: carnes de aves e suas miudezas, farelo de soja e açúcares e melaço, representaram no mesmo ano somente 9,2% do total exportado. Logo, conclui-se que, houve aumento das exportações de commodities em detrimento dos produtos com maior valor agregado.

**Palavras-chave:** Commodities. Exportação. Dependência. Brasil.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países mais ricos em recursos naturais no mundo, o que lhe confere um grande potencial de crescimento econômico. Todavia, uma grande parte desses recursos é exportada sem ser processada em território nacional, o que resulta em baixo valor agregado. Por se tratar de commodities, produtos com alta competição global produzidos em outras partes do mundo, o Brasil fica vulnerável às variações globais dos preços e se torna dependente dos compradores de seus produtos, como a China.

O comércio internacional é de fundamental importância para o desenvolvimento das nações. Para Gonçalves (1998), pautado na teoria ricardiana, cada país pode se beneficiar de suas vantagens comparativas, como a abundância de fatores e conhecimentos específicos, para suprir suas necessidades e escassezes por meio das trocas no comércio internacional. Nesse sentido, Nishijima (2012) destaca a estratégia japonesa após a Segunda Guerra Mundial em estimular setor automotivo, onde acabou por ganhar espaço mercado internacional e contribuiu para o acelerado crescimento econômico japonês.

Além disso, a comercialização multilateral entre países tem uma influência positiva na geração de empregos. De acordo com Ribeiro (2019), que analisou o impacto do comércio internacional na criação de empregos no Brasil entre 2004 e 2014, essa relação pode ser confirmada em quase todos os setores. Com a geração de mais empregos, a renda nacional é estimulada pelo aumento no consumo de bens e serviços, como sugere o multiplicador Keynesiano.

Segundo Oliveira (2022), a exportação de produtos de maior valor agregado é um fator que contribui para a geração de renda. Isso ocorre porque tais produtos passam por um maior número de etapas em sua cadeia de produção, o que, além de exigir maior esforço de produção, também agrega valor ao produto. Portanto, a simples exportação de produtos primários descarta a possibilidade de se obter os benefícios da agregação de valor de bens e serviços no comércio internacional.

Adicionalmente, vale destacar a importância da diversificação da pauta exportadora. Conforme Bado et al. (2004), em consonância com a teoria das vantagens competitivas apresentada por Michael Porter em 1990, a competitividade de um país no mercado internacional depende das inovações exploradas das suas vantagens comparativas. Dessa forma, o país evita fragilidades ao depender de apenas um setor ou poucos produtos, que podem sofrer choques externos ou variações de preços repentinos, impactando significativamente a economia e impossibilitando a formação de planos de desenvolvimento para o longo prazo.

Assim, o estudo se justifica pelo fato de que o Brasil está aumentando a participação de produtos primários em sua pauta exportadora, em virtude de suas vantagens comparativas em recursos naturais e seu processo histórico de desenvolvimento. Contudo, essa estratégia pode comprometer o desenvolvimento futuro do país, tornando-o vulnerável às variações de preços das commodities e limitando sua capacidade de competir com produtos de maior valor agregado no mercado internacional. Nesse contexto, a identificação da ampliação desse setor e seus produtos na balança comercial torna-se essencial para compreender a perda de benefícios e a queda de competitividade dos produtos brasileiros no comércio global.

Portanto, este trabalho tem como objetivo principal identificar se houve aumento no crescimento das exportações de commodities na balança comercial brasileira a partir de 2005 até 2022. Para auxiliar essa identificação, é apresentado as teorias que dominam as relações comerciais internacionais, juntamente com a história e as características do setor exportador brasileiro. Por fim, há a análise das exportações brasileiras a partir de 2005 até 2022, com foco na identificação de aumento na participação de commodities nas exportações.

## **1 REVISÃO DA LITERATURA**

### **1.1 AS TEORIAS QUE REGEM AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE COMÉRCIO**

O Brasil é um dos principais produtores agrícolas do mundo, o país conta com um território vasto e diverso, com condições climáticas favoráveis, uma grande reserva de água doce e um amplo conhecimento técnico na área agrícola para o cultivo de diferentes tipos de alimentos. Dessa forma, o país se destaca como um dos principais produtores e exportadores de alimentos, o que reforça o grande aporte de investimentos em tecnologia e infraestrutura para consolidar ainda mais as suas vantagens competitivas na agricultura.

De acordo com Coutinho et. al (2005), a teoria das vantagens absolutas, proposta por Adam Smith em 1776, um país tem vantagem absoluta na produção de um bem quando é capaz de produzi-lo com menor custo do que outros países. Para eles, Smith percebeu que cada país deveria se especializar na produção dos bens em que possui vantagem absoluta e trocar com outros países para adquirir os bens em que possui desvantagem, gerando assim ganho mútuo do comércio internacional.

Ampliando a teoria das vantagens absolutas de Adam Smith, há a teoria das vantagens comparativas, desenvolvida por David Ricardo em 1817. Segundo Gonçalves (1998), a teoria ricardiana demonstra que mesmo um país não possuindo vantagem absoluta na produção de um bem, ele ainda pode se beneficiar do comércio internacional ao produzir aqueles bens em que possui vantagem comparativa, isto é, aqueles bens que podem ser produzidos com um custo de oportunidade menor em relação a outros bens. Por conseguinte, os países podem se especializar na produção dos bens em que possuem vantagem comparativa e trocar com outros países para obter os bens em que possuem desvantagem comparativa.

Firmando o protagonismo brasileiro na exportação de recursos naturais, Hidalgo e Feistel (2013) consoante a teoria Heckscher-Ohlin, demonstraram que o Brasil tem como tendência o aumento de produtos intensivo em recursos naturais em sua pauta exportadora e em situação oposta estão os produtos intensivos em capital e trabalho, que normalmente detém maior valor agregado. Logo, a teoria da vantagem comparativa com fatores fortalece a riqueza e o foco brasileiro em produtos primários, visto que a teoria reforça que o país se especialize e exporte os bens que utilizem intensivamente os fatores de produção que são encontrados em maior abundância em seu território.

Recentemente, pesquisas sobre a chamada “Reprimarização” da economia brasileira, sendo uma dessas análises feita por Garcia (2019), do qual há a tentativa de explicar com dados atuais o que está levando o Brasil a aumentar sua dependência em commodities. Para Marques e Campos (2021), essa dependência além de prejudicar o planejamento de desenvolvimento por conta da dependência dos preços do mercado internacional, afeta progressivamente a necessidade do país em aumentar a exportação de seus produtos para manter suas importações, devido a deterioração dos termos de troca.

Além disso, outro problema que o país pode enfrentar é o agravamento da doença holandesa. Conforme explica Bresser-Pereira (2009), a doença holandesa é quando um país experimenta uma valorização da sua moeda perante o resto do mundo por muito tempo devido as suas exportações de recursos naturais, que resultam em rendas ricardianas para o país, pois ele tem baixo custo de produção desses recursos quando comparado aos outros produtores mundiais. Apesar de ser uma falha de mercado que atinge quase todos os países que estão em desenvolvimento, quando não neutralizada ela causa aos países que ainda não se industrializaram um retardo ainda maior, e aos países já industrializados, seu efeito é a desindustrialização.

## 1.2 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO SETOR EXPORTADOR

## BRASILEIRO

Do pau-brasil ao ouro e da cana de açúcar ao café, historicamente a economia brasileira sempre teve como base a produção e exportação de commodities e, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o Brasil está dentre os 5 maiores países a realizar exportação em valor monetário de produtos agrícolas no mundo, fazendo com que em 2020 mais de 20% do PIB tenha sido composto pela exportação de commodities.

Durante o século XIX até o início do século XX, o café significou uma importante fonte de riqueza para o Brasil. Em 1830 a produção de café ultrapassou a de cana de açúcar, fazendo com que ele se tornasse o produto mais exportado do país. Este grão, tão importante para a Europa e Estados Unidos, catalisou a economia de diversas regiões brasileiras, principalmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O país gozou desta oportunidade econômica até a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, onde se viu uma drástica redução na importação dos grãos devido à escala global que a crise obteve.

Em 1900 a economia brasileira se baseava no modelo agrário-exportador, que tinha como foco a produção e exportação de bens primários como bovinos, café, minério de ferro, alumínio, mas principalmente açúcar de cana. Conforme Gremaud, Vasconcellos e Toneto Jr. (2004), nesse período o país passava por um crescimento econômico significativo, porém instável. O termo “Revolução de 1930” utilizado por Celso Furtado e Boris Fausto, demonstra como a crise fez com que houvesse uma transformação na economia brasileira, alterando de uma economia agroexportadora para um processo de substituição de importações. Devido a isso houve um deslocamento do centro dinâmico econômico, e somente em 1945 a economia brasileira volta a crescer de forma efetiva através de um processo de industrialização acelerado. A partir de 1980 ocorreu uma desaceleração significativa do crescimento econômico nacional devido à alta taxa de juros da dívida externa. Isso levou a estagnação do PIB e o crescimento da inflação, ou seja, uma estagflação.

De acordo com Negri e Alvarenga (2011), houve um aumento considerável na participação de exportação de commodities no Brasil nos últimos 15 anos, sendo que entre 2007 e 2010 houve um salto de 10 pontos percentuais (p.p.), representando 51% do total de exportações brasileiras.

Em 2009 e 2010, houve um aumento no nível de exportações de minério, com destaque para o minério de ferro, sendo o principal produto dentre as commodities. Neste mesmo período houve um aumento na exportação de açúcar, porém, itens como soja e carne, diminuíram de um ano para o outro. Já a soja, atualmente principal produto produzido nacionalmente, teve uma queda que pode ser justificada pelo aumento de produção nos EUA e exportação para a China no período.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para verificar se houve aumento no crescimento das exportações de commodities na balança comercial brasileira entre 2005 e 2022, em princípio foi realizada mediante a uma pesquisa bibliográfica e exploratória de teorias que auxiliam no entendimento da importância das relações internacionais, história e características do setor exportador brasileiro.

Posteriormente, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental em conjunto ao método exploratório, onde foram levantados dados estatísticos das exportações brasileiras, em valor FOB (US\$), do período analisado através de órgãos governamentais, como o Ministério da Economia e o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Em seguida, foi identificado dentro do período analisado quais foram os três principais produtos exportados que são relacionados as commodities, setor agropecuário e extrativista, sendo eles: soja, minério de ferro e seus concentrados e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus); e os três principais relacionados aos produtos com maior valor agregado, indústria de transformação, sendo eles carnes de aves e suas miudezas, farelo de soja e açúcares e melão.

Por fim, sucedeu-se uma análise descritiva dos dados estatísticos levantados para verificar o objetivo principal do trabalho através do total exportado no período e a participação agregada dos principais produtos primários e os transformados em sua composição e concentração, bem como a comparação entre eles para entender a variação dentre os anos.

## **3 DESENVOLVIMENTO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **3.1 ANÁLISE DO CRESCIMENTO DE EXPORTAÇÕES**

#### **3.1.1 Crescimento das Exportações de Produtos Primários em Relação ao Crescimento das Exportações de Produtos Manufaturados no Brasil de 2005 até 2022**

As exportações têm papel fundamental na economia, pois, além de fortalecer relações econômicas internacionais, também há o incentivo de produzir internamente para fazer frente as tendências do mercado mundial e atender a demanda dele.

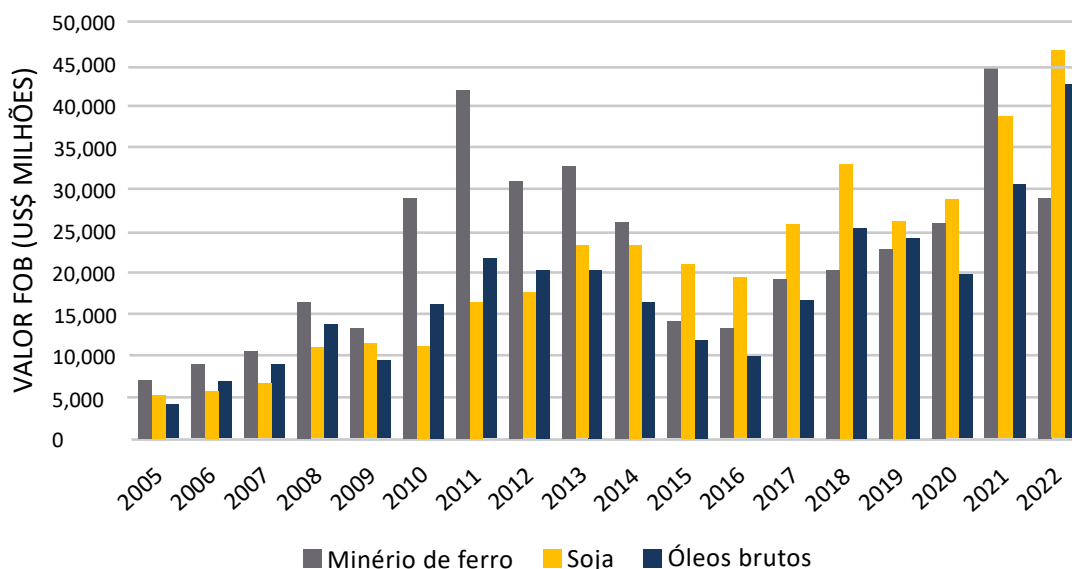
Como resultado, o aumento nas exportações causa aumento da renda, aquecendo o desenvolvimento econômico do país.

Segundo dados do Brasil (2023a), em 2022 a exportação total brasileira foi de US\$ 334.133 milhões, 19% a mais do que o ano de 2021, e aproximadamente 182% a mais do que o total de 2005. O total acumulado das exportações brasileiras de 2005 a 2022 é de US\$ 3.767.326 milhões.

Os principais produtos do setor de agropecuária e indústria extrativa, que tem maior participação no total acumulado do período analisado de 2005 a 2022, são: soja, minério de ferro e seus concentrados e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus); que obtiveram em 2022 uma exportação de US\$ 118.037 milhões, representando 35,3% do total exportado pelo Brasil, apresentando queda de 5,2% quando comparado a 2021. No período analisado, esses produtos primários alcançaram a marca de US\$ 1.086.414 milhões nas exportações.

Além disso, é possível notar que desde 2005 até 2022, esses produtos primários conquistaram espaço na pauta exportadora brasileira (GRÁF. 1). Esse fato é perceptível, visto o crescimento de 21,2% no total do período analisado, o período com maior participação foi 2021, com 40,6% do total da pauta, influenciado principalmente pelo minério de ferro e seus concentrados.

GRÁFICO 1 — Representação do valor FOB (Free on Board) em dólares da exportação de soja, minério de ferro e seus concentrados e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) por ano de 2005 a 2022.

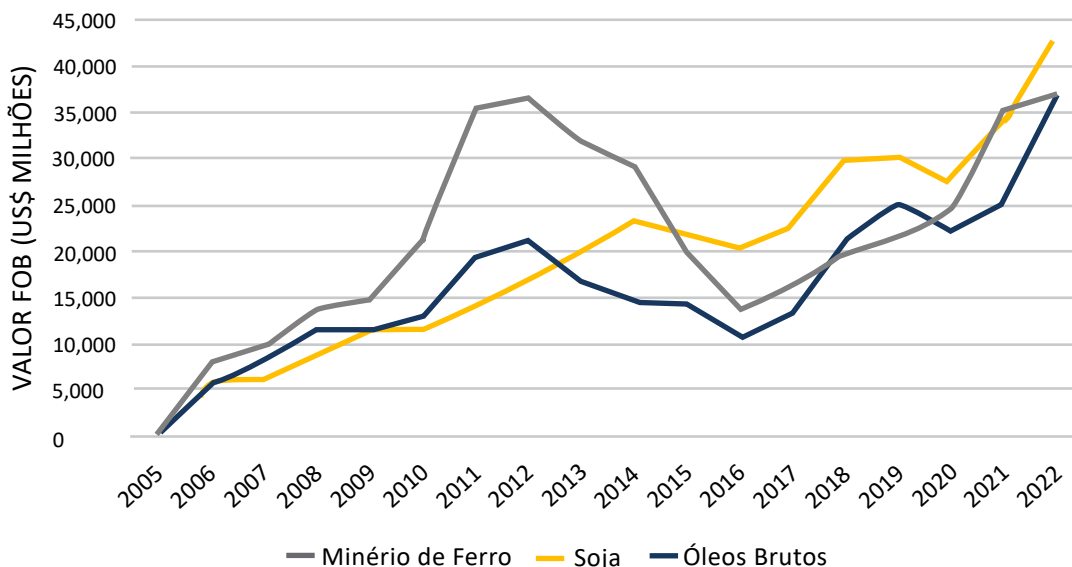


FONTE: Brasil (2023a, adaptado)



O GRÁF. 2 demonstra a média móvel dos principais produtos primários exportados no período, percebe-se que a soja era o que detinha menor espaço no primeiro ano analisado e passou a ser o principal em 2022 devido a seu crescimento constante durante os anos.

GRÁFICO 2 — Média móvel exportação de soja, minério de ferro e seus concentrados e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) por ano de 2005 a 2022



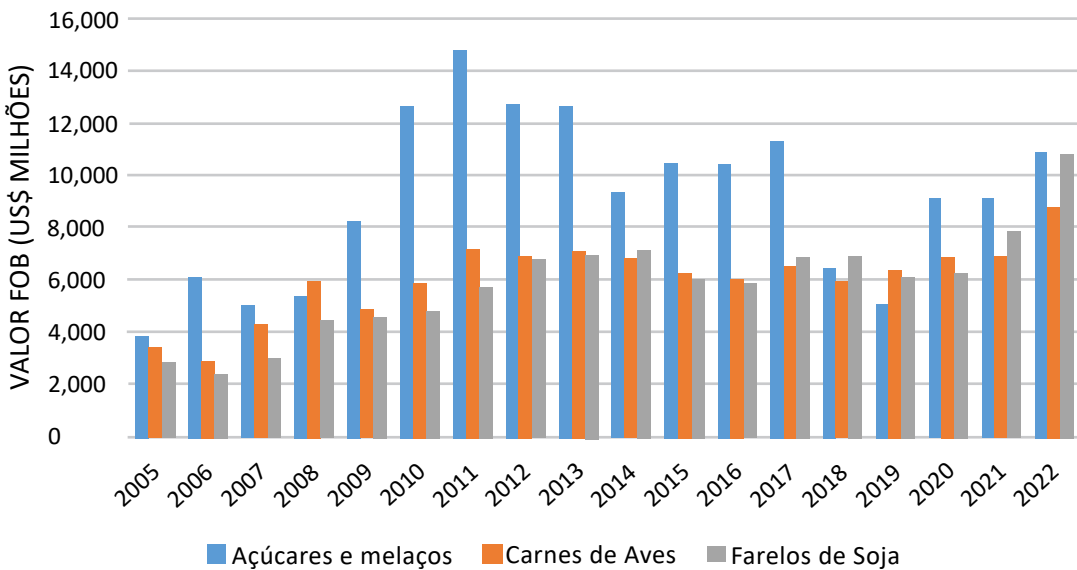
FONTE: Brasil (2023b, adaptado)

Baseado em dados do Brasil (2023a), em relação aos principais produtos da indústria de transformação, que são: carnes de aves e suas miudezas, farelo de soja e açúcares e melão; em 2022 tiveram uma exportação total de US\$ 30.883 milhões, representatividade de 9,2% na participação total das exportações brasileiras, 0,7% a mais que o ano de 2021. No que se refere ao período analisado, esses produtos, que detém valor agregado, chegam à marca de US\$ 375.433 milhões nas exportações.

Percebe-se, também, a correlação dos principais produtos de transformação exportados com o agro, como no caso da soja, presente tanto em sua forma bruta quanto em farelo, nas exportações.

O GRÁF. 3, que ilustra o comportamento anual dos três principais produtos da indústria transformação exportados de 2005 a 2022, observa-se um aumento na participação dos produtos quando o ano de 2022 é comparado ao de 2021. Também, nota-se que em todo o período os produtos não tiveram grandes evoluções quanto ao ganho de participação na pauta, o que é confirmado pelo tímido aumento de 0,5% no total do período.

GRÁFICO 3 — Representação do valor FOB em dólares da exportação de carnes de aves e suas miudezas, farelo de soja e açúcares e melação por ano de 2005 a 2022



FONTE: Brasil (2023b, adaptado)

Logo, verifica-se com base nos dados que, o Brasil presenciou um aumento notável nas exportações de seus principais produtos primários do setor agropecuário e extrativista com 21,2% desde 2005, enquanto os principais produtos da indústria de transformação obtiveram apenas 0,5% de crescimento no mesmo intervalo de tempo. Bem como, identifica-se a grande concentração das exportações brasileiras em poucos produtos, sendo eles do setor primário.

Além disso, destaca-se o menor volume necessário de produtos transformados para alcançar o mesmo valor dos produtos primários. Em 2022, as exportações de minério de ferro totalizaram 344 milhões de toneladas, equivalente a US\$ 28.924 milhões. Em contraste, os produtos semiacabados de ferro ou aço tiveram um volume de exportação de 8 milhões de toneladas, correspondendo a um valor de US\$ 6.428 milhões. Nota-se que se o volume de exportação do produto transformado atingisse 36 milhões de toneladas, representando 10,5% do total exportado de minério, as exportações totais seriam equivalentes, com uma demanda de volume menor.

### 3.2.1 Exportação de Commodities Brasil desde 2005

O crescimento das exportações de produtos primários em detrimento dos produtos manufaturados no Brasil pode ser atribuído a diversos fatores. Em primeiro lugar, destaca-se a estrutura produtiva do país, que é amplamente concentrada em

commodities, ou seja, produtos básicos como soja, minério de ferro, petróleo, açúcar e carne. Esses produtos têm uma demanda consistente no mercado internacional, e o Brasil possui vantagens comparativas na produção e exportação dessas mercadorias.

Ainda, a valorização do câmbio brasileiro em relação ao dólar desempenha um papel significativo nesse cenário. O câmbio valorizado torna os produtos manufaturados brasileiros mais caros no mercado global, diminuindo sua competitividade em relação a outros países.

GRÁFICO 4 — Quantum das Exportação para China de 2005 a 2022



FONTE: Brasil (2023b, adaptado)

Aliado à valorização cambial, a dependência do Brasil em consumidores como a China tende a fazer com que a produção brasileira foque em atender o mercado deste país. Observa-se que no GRÁF. 4, a China tem crescido a quantidade importada do Brasil ao longo dos anos. De tal maneira o acelerado crescimento econômico da China fez com que se tornasse o maior importador de minério de ferro e soja do Brasil e como a perspectiva de crescimento se manteve desde 2005, a exportação destes produtos se manteve em foco.

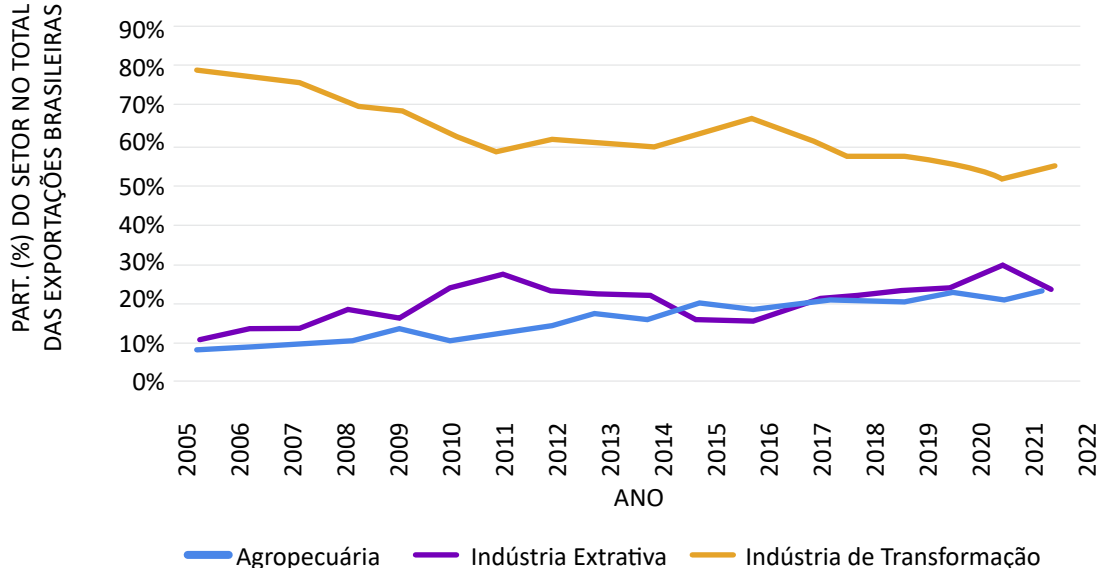
Ademais, as políticas governamentais muitas vezes direcionam seus esforços para a produção e exportação de commodities, em detrimento dos produtos manufaturados. Incentivos fiscais e subsídios são frequentemente destinados a esse setor, devido à importância das commodities como fonte de divisas para o país, o que acaba afetando negativamente a competitividade dos produtos manufaturados.

Também, a falta de investimentos em pesquisa e desenvolvimento é um fator limitante para a competitividade da indústria brasileira como um todo. A ausência de inovação e a falta de investimentos em novas tecnologias e processos de produção reduzem o apelo dos produtos manufaturados no mercado internacional, resultando em uma demanda mais baixa por esses produtos e, conseqüentemente, um menor crescimento das exportações nesse segmento. Dessa forma, o crescimento das exportações de produtos primários em relação aos produtos manufaturados no Brasil é influenciado pela estrutura produtiva concentrada em commodities, câmbio valorizado, baixa produtividade da indústria, políticas governamentais voltadas para commodities e falta de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Esses fatores combinados criam um ambiente desfavorável para a competitividade dos produtos manufaturados brasileiros no mercado global.

De acordo com dados do Brasil (2023b), no período analisado de 2005 a 2022, o Brasil registrou um aumento em suas exportações do setor agropecuário e de indústria extrativa em detrimento da indústria de transformação. Em 2005, a participação desses setores no total das exportações do Brasil era de aproximadamente 8%, 11% e 79%, respectivamente, enquanto o setor “outros” representava 2,1% do total. No entanto, em 2022, esses setores apresentaram mudanças significativas em suas participações percentuais no panorama total das exportações brasileiras, com o setor agropecuário contribuindo com 22,4%, a indústria extrativa com 22,8% e a indústria de transformação com 54,3%.

O GRÁF. 5 elucida no que se refere o aumento na participação dos setores primários em desfavor da indústria de transformação. Dessa forma, observa-se que nos últimos 17 anos houve uma diminuição de cerca de 25% na participação da indústria de transformação e um aumento de 26,5% no conjunto dos setores agropecuário e extrativista, em sua contribuição para o total das exportações do Brasil.

GRÁFICO 5 — Participação dos setores no total das exportações do Brasil por ano de 2005 a 2022



FONTE: Brasil (2023a, adaptado)

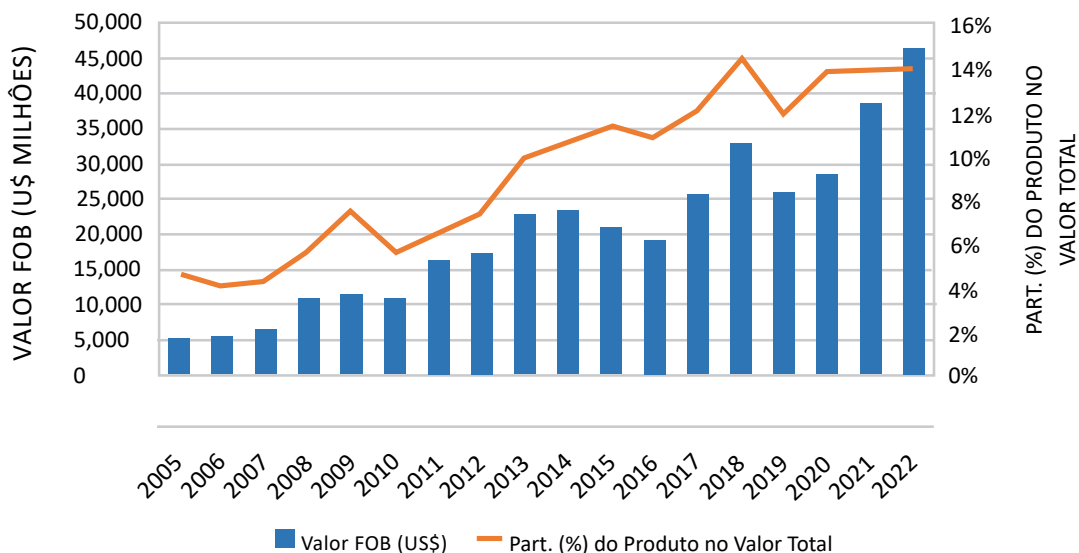
### 3.1.3 Vantagens Comparativas do Brasil nas Exportações dos Produtos Soja, Minério de Ferro e Petróleo

No segmento da soja, o Brasil desfruta de diversas vantagens competitivas. A combinação de um clima favorável e terras férteis coloca o país como um dos principais produtores mundiais desse grão. A crescente demanda global por alimentos, especialmente na China, que é um grande importador de soja, impulsiona as exportações brasileiras.

Ainda, investimentos em tecnologias e práticas de produção melhoram a produtividade e eficiência do setor. A localização geográfica estratégica facilita o transporte marítimo da soja para os principais mercados consumidores, e a capacidade de produção e exportação durante todo o ano atende à demanda de mercados que requerem suprimentos regulares.

Entretanto, existem desafios a serem considerados, como a dependência de poucos produtos para as exportações de commodities, o que pode limitar a capacidade de diversificação econômica e competitividade no longo prazo. Adicionalmente, o setor enfrenta vulnerabilidade a choques externos, como variações climáticas e flutuações de preços internacionais, além de pressões ambientais e sociais para a adoção de práticas mais sustentáveis na produção de soja.

GRÁFICO 6 — Exportação de Soja de 2005 a 2022

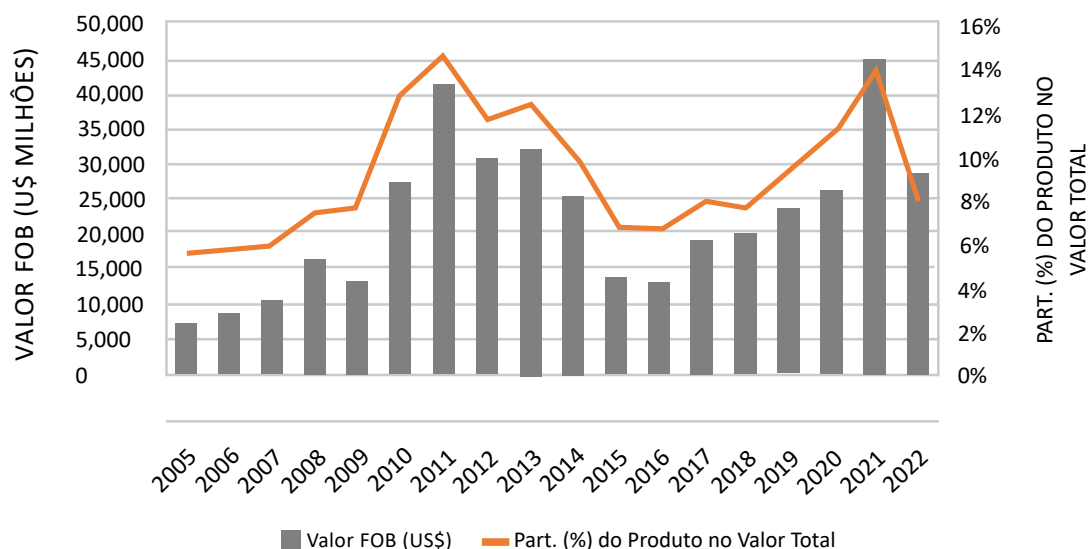


FONTE: Brasil (2023b, adaptado)

No caso do minério de ferro, o Brasil apresenta vantagens significativas. O país é um dos principais produtores mundiais desse recurso, com grandes reservas em seu território. O baixo custo de produção é favorecido pela abundância de recursos naturais e pelo uso de tecnologias avançadas na mineração. O transporte de minérios no Brasil é predominantemente feito por ferrovias. Entretanto, há potencial para utilizar hidrovias em algumas regiões, visto que o baixo valor agregado do minério muitas vezes torna inviável o transporte rodoviário para grandes volumes. Investimentos recentes em infraestrutura ferroviária prometem melhorar o escoamento de minérios e outros produtos. Um exemplo é a expansão da FIOLE (Ferrovia de Integração Oeste-Leste), que, além de minérios, facilitará o transporte de grãos e produtos agropecuários conectando diferentes regiões do país (INTERMODAL, 2021).

A demanda global por minério de ferro permanece alta, especialmente em países emergentes que dependem desse recurso para suas atividades industriais. Porém, assim como na soja, a dependência de poucos produtos para as exportações de commodities pode limitar a capacidade do Brasil de diversificar sua economia e aumentar sua competitividade a longo prazo.

GRÁFICO 7 — Exportação de Minério de Ferro de 2005 a 2022



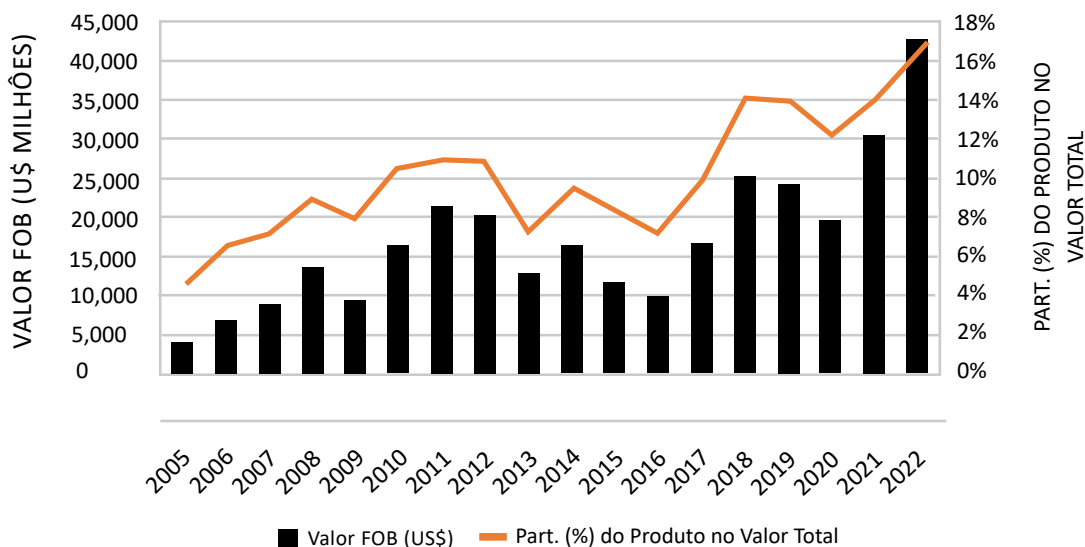
FONTE: Brasil (2023b, adaptado)

O Brasil, décimo maior produtor de petróleo em 2019, contribuiu com 3,02% da produção global. Em 2022, as reservas de petróleo brasileiras cresceram 10,6%, chegando a 26,91 bilhões de barris, enquanto as reservas provadas atingiram 14,9 bilhões, um aumento de 11,5% em relação a 2021. Estas reservas são geopoliticamente relevantes, já que o petróleo é essencial para indústrias como transporte, plástico e borracha. Controlar grandes reservas significa influência em cadeias produtivas e recursos valiosos, como evidenciado pelas nações ricas do Oriente Médio. Assim, as reservas brasileiras possibilitam alianças estratégicas, fortalecendo a posição do país internacionalmente e garantindo produção nacional de um recurso crucial.

Mas, existem desafios a serem considerados. A indústria petrolífera brasileira ainda é bastante concentrada, o que pode limitar a competitividade e inovação no longo prazo e outro desafio enfrentado pelo país é a exportação do petróleo bruto e a subsequente importação do refinado. Essa situação evidencia uma lacuna na capacidade de refino do Brasil, resultando em custos adicionais e dependência externa para produtos refinados (LOGCOMEX, 2023).

Ademais, há uma pressão crescente em relação à sustentabilidade ambiental, com demandas por medidas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e a poluição do ar e dos oceanos.

GRÁFICO 8 — Exportação de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus) de 2005 a 2022



FONTE: Brasil (2023a, adaptado)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de identificar como se desenvolveu a exportação de commodities no Brasil entre 2005 e 2022, o método de estudo utilizado foi o exploratório, colhendo dados secundários e dados públicos, assim como estudo de artigos, livros de economia internacional e macroeconomia. Inicialmente houve a necessidade de entender, em âmbito geral, em que se baseou a economia brasileira durante sua história, para que justificasse sua principal atividade atualmente.

Foi observado que os setores que tiveram maior aumento nas exportações foram o agropecuário e indústria extrativa, que em conjunto cresceram 26,5%, entre 2005 e 2022, enquanto a indústria de transformação apresentou queda de aproximadamente 25%. Dentre as commodities, os insumos com maior destaque foram a soja, minério de ferro e seus concentrados e óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (crus).

Observando os dados disponíveis pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), é possível verificar que nos três setores analisados ocorreram quedas sazonais consideráveis no período, que podem ser explicadas por acontecimentos endógenos, como a recessão que ocorreu em 2015, e exógenos, como na pandemia do COVID-19.



Tendo em vista a dependência do país por commodities, sugere-se que sejam feitos estudos para avaliar se houve crescimento das exportações a partir da melhora no escoamento das commodities no Brasil, e verificar se a infraestrutura atual suportará o aumento crescendo de produção do país. Além disso, é fundamental compreender as vantagens e desvantagens de ter uma economia baseada em commodities, e por consequência, auxiliar em projeções futuras inerentes às medidas tomadas no passado.

## REFERÊNCIAS

- BADO, A. L. et al. Das vantagens comparativas à construção das vantagens competitivas: uma resenha das teorias que explicam o comércio internacional. **Revista de Economia & Relações Internacionais**, v. 3, n. 5, p. 5-20, 2004.
- BRASIL. **Estatísticas de comércio exterior**: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) – séries históricas 1997-2023. 2023a. Disponível em: [https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes\\_dados\\_consolidados/pg.html](https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html). Acesso em: 14 out. 2023.
- BRASIL. **Estatísticas de comércio exterior**: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) – índices de preços e quantum por país. 2023b. Disponível em: [https://balanca.economia.gov.br/balanca/IPQ/pais\\_mes.html](https://balanca.economia.gov.br/balanca/IPQ/pais_mes.html). Acesso em: 14 out. 2023.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. A Doença Holandesa. In: BRESSER-PEREIRA, L. C. **Globalização e competição**: por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 141-171.
- COUTINHO, E. S. et al. De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias do comércio exterior. **Economia de Empresas**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 101-113, out. 2005.
- DESAFIOS e benefícios do transporte de minérios no Brasil. **Intermodal**, 04 jun. 2021. Disponível em: <https://digital.intermodal.com.br/ferroviario/desafios-e-beneficios-do-transporte-de-minerios-no-brasil>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- DIA do petróleo: análise da importação e exportação. **Logcomex**, 29 set. 2023. Disponível em: <https://blog.logcomex.com/importacao-de-petroleo>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- GARCIA, A. L. **As exportações brasileiras entre 1998 e 2018**: uma análise sobre a reprimarização. 2019. 37 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) — Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- GONÇALVES, R. et al. **A nova economia internacional**: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JUNIOR, R. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2004.
- HIDALGO, A. B.; FEISTEL, P. R. Mudanças na estrutura do comércio exterior brasileiro: uma análise sob a ótica da teoria de Hecksher-Ohlin. **Estudos Econômicos**, v. 43, n. 1, p. 79-108, jan./mar. 2013.
- MARQUES, T. C. A.; CAMPOS, R. Uma análise do comércio bilateral Brasil-China: a deterioração dos termos de troca e o caso da soja. **Revista Tempo do Mundo**, n. 24, p. 379-402, 10 mar. 2021.
- NEGRI, F.; ALVARENGA, G. V. A primarização da pauta de exportações no Brasil: ainda um dilema. **Radar**, n. 13, p. 7-14, 2011.
- NISHIJIMA, S. Políticas industriais japonesas. **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 75-96, 2012.
- OLIVEIRA, A. K. C. M. C. Exportação de produtos de alto valor agregado. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 10, p. 65834-65863, 2022.
- RIBEIRO, L. M. A. **O impacto do comércio internacional na criação de empregos no Brasil**: uma análise com dados em painel. 2019. 68 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) — Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.